

Classes A e B são as mais atingidas pela crise global

A crise econômica global atingiu em cheio o bolso dos brasileiros mais ricos. De janeiro a abril, a renda média das pessoas das classes A e B nas seis principais regiões metropolitanas caiu 8,7% em termos reais, ante igual período de 2008, saindo de R\$ 2.637,00 para R\$ 2.407,00. Em 2008, a renda das classes A e B já havia caído 7,01%, ante 2007. Para o economista Marcelo Neri, que calculou estes números, a queda em 2008 deve ter sido influenciada pelos meses após a crise global, iniciada em setembro.

PÁGINA B2

Crise global derruba renda das classes A e B em 8,7% no Brasil

Turbulência iniciada nos EUA atingiu em cheio o bolso dos mais ricos, diz estudo

|| Do Rio

A crise econômica global atingiu em cheio o bolso dos brasileiros mais ricos. De janeiro a abril, a renda média das pessoas das classes A e B nas seis principais regiões metropolitanas caiu 8,7% em termos

Cálculo toma por base pesquisa mensal de emprego

reais, ante igual período de 2008, saindo de R\$ 2.637,00 para R\$ 2.407,00. Em 2008, a renda das classes A e B já havia caído 7,01%, ante 2007. Na visão do economista Marcelo Neri, que calculou estes números, a queda em 2008 deve ter sido influenciada pelos meses após a crise global, iniciada em setembro.

A boa notícia, nesse levantamento feito por Neri, que chefa o Centro de Política Social (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), é que a classe C, muito atingida em janeiro, se recuperou. Um estudo anterior de Neri mostrava que, apenas em janeiro, a classe C tinha per-

dido, para as classes D e E, 11% de todo o seu crescimento em tamanho no governo Lula.

Os novos números fazem parte de um estudo de natureza diferente, que revela o salário médio por classe, e não o tamanho de cada uma. O trabalho mostra que a renda média das pessoas de classe C cresceu 3,9% de janeiro a abril deste ano, comparada com os mesmos meses de 2008, subindo de R\$ 625,00 para R\$ 649,00. Em 2008, já havia aumentado 6,12%. Coerentemen-

O NÚMERO

4.807

REAIS

É o valor inicial da renda (e vai até o topo da pirâmide) das Classes A e B, segundo a classificação do economista Marcelo Neri, que chefa o Centro de Política Social (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)



Linha de produção de indústria localizada na região de Campinas

te com esse resultado, a classe C já representava, na última semana de abril, 53,6% da população das seis regiões metropolitanas, depois de ter caído de 53,81% para 52,64% apenas em janeiro.

O cálculo do novo estudo de Neri também toma por base a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), feita nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

Para o economista, uma das principais razões pelas quais a turbulência está atingindo mais fortemente os mais ricos são as próprias características da crise global. Ela se iniciou no sistema financeiro dos países ricos e depois se transmitiu ao setor real dessas economias centrais. No Brasil, a transmissão ocorreu, num primeiro momento, no próprio sistema financeiro, e em seguida nos segmentos da nossa economia que transacionam com o mundo desenvolvi-

do, onde está situado o verdadeiro centro da crise.

Neri explica que o setor exportador tende a ser o mais moderno da economia e, por isso, tem em geral pessoas com rendimentos mais altos do que a média, que acabaram sendo as mais afetadas pela crise. "Na Belfúndia brasileira, quem transaciona com o Exterior são os belgas", ele diz, fazendo referência à expressão cunhada pelo economista Edmar Bacha, que divide o Brasil entre uma parte moderna (Bélgica) e uma atrasada (Índia — o termo foi criado antes da decolagem recente deste país).

O diretor do CPS tem outros indicadores, que mostram que a crise afetou mais os empregados nos setores industrial e financeiro do que a média dos trabalhadores. A indústria, aliás, sofreu um impacto muito forte da redução das exportações, responsáveis por cerca de metade da queda da produção industrial a partir de setem-

bro, segundo estudo recente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Neri fez um cálculo sobre a probabilidade de os trabalhadores caírem de classe social em dois períodos da crise — de setembro a dezembro de 2008 e em janeiro e fevereiro de 2009. Para o grupo de trabalhadores como um todo, essa probabilidade cresceu de 1,9% para 11,4% entre os dois períodos, atestando o agravamento da crise.

Em seguida, ele estimou o quanto maior (caso de fato fosse) era a probabilidade de alguém empregado na indústria ou no setor financeiro cair de classe social, quando comparada com o risco dos trabalhadores como um todo. De setembro a dezembro, a probabilidade no setor financeiro era 8,5% maior do que a da média dos trabalhadores, o que saltou para 13,6% em janeiro e fevereiro.

Na indústria, as possibilidades de cair de classe eram 2,7% maiores do que a dos trabalhadores como um todo de setembro a dezembro, e 4% maiores nos dois primeiros meses de 2009. "Isso mostra que esses dois setores, que têm trabalhadores com renda média mais alta, foram mais afetados pela crise", diz Neri.

A classe C, para o economista, pode ter sido protegida de um impacto maior por algumas medidas do governo, como o aumento do salário mínimo. Num lar de classe C, não é incomum que algum adulto ganhe um salário mínimo, ou que os seus rendimentos tenham algum grau de indexação ao salário mínimo, nota Neri.

Na sua classificação, a renda familiar total da classe C vai de R\$ 1.115,00 a R\$ 4.807,00, e a das classes A e B começa em R\$ 4.807,00 e vai até o topo da pirâmide. (Da Agência Estado)

Aumento do desemprego afeta o ganho nesse setor

Na C, de janeiro a abril, alta foi de 6,8% nos vencimentos

Tanto o nível do salário quanto o aumento do desemprego afetaram a renda média das classes A e B nos quatro primeiros meses do ano. O estudo de Marcelo Neri, da FGV, decompõe a mudança na renda entre os componentes salário e ocupação. Isto é, como se trata da renda média de todo o grupo, tanto a mudança do salário médio como do número de empregados afetam o resultado.

De janeiro a abril, a queda real dos salários das classes A e B foi de 3,7%, dividida entre 3,52% de redução dos salários por hora trabalhada e de 0,18% de diminuição das horas trabalhadas. Já a queda nos rendimentos por causa da menor ocupação foi de 5,3%. Isso se deveu tanto a um crescimento do desemprego, de 4% para 7,3%, quanto ao aumento das pessoas

em idade de trabalhar, mas que não buscam emprego — que tecnicamente são desocupadas, mas não desempregadas —, de 16,7% para 18,2%. É a combinação dos efeitos do salário e da ocupação que dá a redução de 8,7% na renda do trabalho das classes A e B, de janeiro a abril.

Durante todo o ano de 2008, a queda salarial das classes A e B foi de 2,7%, e a redução de renda média por causa do aumento das pessoas desempregadas ou fora da força de trabalho foi de 4,4%. O efeito combinado foi uma redução de 7,1% na renda do trabalho.

Na classe C, de janeiro a abril, houve aumento de 6,8% nos ganhos salariais, composto pelo crescimento de 7,2% do rendimento por hora trabalhada e pela redução de 0,44% nas horas trabalhadas. Já na ocupa-

ção, houve um efeito negativo no rendimento médio da classe C, nos quatro primeiros meses do ano, de 2,7%, com um aumento do desemprego de 7,4% para 9%. Para as pessoas em idade de trabalhar, mas que não buscam emprego, o aumento foi de 23,4% para 24,1%. O efeito conjunto dos ganhos salariais e da queda da ocupação foi o aumento de 3,9% na renda do trabalho.

Em 2008, houve um aumento salarial médio na classe C de 7,6%, e uma queda na ocupação de 1,3%, que se combinaram para produzir um aumento na renda do trabalho de 6,12%. Neri nota que, apesar de sair de um nível mais alto, o desemprego na classe C teve um aumento bem menor do que o das classes A e B nos primeiros quatro meses de 2009. (AE)